



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

### A ESCRITURA E A IMPLICAÇÃO NO TRABALHO DE PESQUISA

Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira, João Batista Martins  
[cinthialucia2702@gmail.com](mailto:cinthialucia2702@gmail.com), [jbmartin@sercomtel.com.br](mailto:jbmartin@sercomtel.com.br)

UNESP/Assis – Programa de pós-graduação em Psicologia Social

#### Resumo

Este trabalho pretende discorrer sobre a experiência de escritura de uma tese de doutorado. Nosso objetivo é explicitar o estilo de escrita enquanto revelador de nosso grau de implicação com a pesquisa. Diferente de uma linguagem acadêmica formal, nos permitimos a adoção de um gênero mais poético. Ao invés de direcionar nossas observações a uma dimensão lógica, cognitiva ou social, buscamos perseguir a complexidade simbólica experienciada no campo, porque compreendíamos o conhecimento como uma produção estética. Desta maneira, durante a pesquisa participante que realizamos com um grupo de idosos matriculados nas disciplinas de literatura e teatro de uma universidade aberta da terceira idade, constituímos uma vivência de trabalho e sentimos necessário nos prestar a essa vivência a partir de uma narração que contemplasse as dimensões subjetivas implicadas na mesma. O resultado foi um texto cujo estilo, teor e formato mantiveram-se diretamente relacionados com a clareza que tínhamos de nossa implicação, isso porque, ao longo do trabalho, soubemos mais de nossas percepções sobre a velhice do outro e de nós mesmos, o que nos fez concluir que ao desvelar o campo nos desvelamos enquanto sujeitos e que tal processo só se fez claro no momento da escritura.

**Palavras-chave:** escritura, implicação, pesquisa participante

#### Introdução

Na escritura de nossa pesquisa, em que acompanhamos um grupo de idosas matriculadas nas disciplinas de literatura e teatro dentro do contexto de uma universidade aberta da terceira idade, sentimos o desejo de explicitar nosso lugar, nossa implicação com a temática.

É que o trabalho foi nos seduzindo de tal forma que ao construir a fundamentação teórica e os demais capítulos, percebemos o quanto nos afetávamos por aquilo que vivíamos e nos contaminávamos de impressões e emoções.

Deixamo-nos levar por sensações que de início eram mais fortes que intelecto, projeto e estruturas. Tal percurso simbólico, nos remetia à própria relação



## **I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL** **30 e 31 de agosto de 2018**

de pesquisa, ao nosso estreitamento com a temática, com os idosos de nossas vidas, que compareciam fulgurados conforme pensávamos a velhice e que não poderiam deixar de estar no texto, porque ajudariam a compor os sentidos de nossa compreensão.

Seguimos então um estilo de escrita que abrolhou de nosso encontro com o campo de pesquisa - na relação intersubjetiva, o nosso objeto fez-se ao mesmo tempo sujeito e a construção do conhecimento se fez através do aceite da implicação e da transformação daquilo que se pretendia conhecer (ARDOINO, 1998).

Os elementos da subjetividade, especialmente aqueles tangentes à pesquisa, representaram os mecanismos através dos quais constituímos os processos emocionais que emergiram na/da relação entre pesquisador e o pesquisado. De acordo com Martins e Palmiéri (2008), tais processos indicam que há implicação, pois os sujeitos envolvidos carregam um contexto sócio-histórico-cultural que não se deixa em casa, mas atua na produção de conhecimento. A esse respeito, Gilbert (2001) acrescenta que há uma natureza pessoal e emocional que faz com que os pesquisadores, necessariamente, tornem-se também instrumentos da pesquisa.

Nosso receio e talvez herança de pensamento cartesiano, era derraparmos em conversa sem valor científico, pois como lembra Gilbert (2001, p.3), “ao se buscar uma pesquisa de cunho mais qualitativo, nosso processo de coleta e análise de dados pode ser visto como questionável, despojado do rigor necessário à pesquisa científica”. Portanto, sem nos esquivarmos de caminhos metodológicos instituídos, experimentamos nos lançar a uma escrita e formato menos rigorosos e mais afetivos.

### **Procedimentos metodológicos**

Em nosso trabalho de escritura da tese, ao invés de deixarmos um capítulo à parte para a análise de nossos registros de campo, fomos entremeando percepções e considerações ao longo de todo o texto, as quais advinham tanto da relação com as idosas estudadas, como das experiências com os idosos de nossas vidas, com o envelhecimento de um modo geral e com nossa própria experiência com o



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

envelhecer – o que constituiu uma prática de intersubjetividade, intertextualidade, em que nós, sujeitos do enunciado, nos misturávamos com os sujeitos da enunciação.

### Resultados e Discussão

Para demonstrar a metodologia utilizada transcrevemos abaixo uma parte do texto que se encontra no corpo da revisão de literatura e cuja reflexão analítica partiu da experiência da pesquisadora com os seus avós.

*Lembro-me, com espanto, do dia em que minha prima ligeira ou faceira, por pressa ou jeito menina, puxou a cadeira da vó antes da vó se sentar. A intenção era sentar-se ela, minha prima, mas não derrubar a vó... O fato é que a vó sentou - no vazio e se esborrachou de uma vez só. Foi um alvoroço geral. Minha prima correu para o quarto. Eu achei que a vó tinha morrido e que minha prima morreria em breve, de tanto apanhar. Ninguém morreu aquele dia, mas a vó, porcelana que era, causou comoção geral. Só se falou no ocorrido por meses, anos... Encostar na vó não podia, porque ela era bem velhinha, bem fraquinha, bem, bem... Derrubar a vó nem pensar! E minha prima derrocou.*

*[...] Parece que há uma flexibilidade no zelo que se atribuía ao velho de outrora e ao que se atribui ao velho de hoje. Aquele de antes - frágil e poupado, e o de hoje - forte e incitado, o que nos leva a pensar que velhice é um termo impreciso, condicionado a um complexo de relações e contextos.*

Da afetação entre a autora e o tema do envelhecimento insurgiam memórias afetivas que pediam para comparecer e substanciar a compreensão. Entretanto, essas implicações ao longo do processo, muitas vezes não encontraram no significado literal da palavra recursos para expressar a complexidade e a multiplicidade dos vários sentidos que permearam a relação entre pesquisador e pesquisado. Para superar tal situação, utilizamos recursos metafóricos e metonímicos, os quais pretenderam abrir um campo de possibilidades mais extenso e diverso - mais coerente com o caminho que ansiávamos.

Confiamos na sugestão de Barthes (1978), para quem devemos escrever segundo a verdade do desejo – tantas linguagens quantos desejos houver.



## **I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL** **30 e 31 de agosto de 2018**

Seguimos nossa vontade e, algumas vezes, transportamos nosso texto para onde não era esperado, instituindo certa anarquia linguageira – colocando o texto numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas da segurança e do discurso acadêmico, distraidamente arrebataram.

### **Conclusões**

A experimentação de uma escritura com maior ousadia de implicação e menor medo de restrição, proporcionou a constituição de um texto em que as palavras não foram “concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, mas lançadas como explosões, vibrações, maquinarias, sabores” (BARTHES, 1978, p. 20).

Ao nos escrevermos implicados na pesquisa e sem ordem rígida, experimentamos a “festa de saber”, porque cozinhado ao sabor das experiências, o que demandou uma linguagem que nos acolhesse enquanto pesquisadores e escritores e cujo ingrediente indispensável fosse o sal das palavras – porque entendemos, como Barthes (1978, p.21), que é “esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo”.

Esperamos com isso ter contribuído com a perspectiva de uma metodologia comprometida com a unidade do vivido – em que tanto pesquisador como pesquisado possam ressignificar a si, ao campo, aos sujeitos estudados – à própria pesquisa, porque implicados entre si, o que torna o vivido, não um mundo a parte, mas a trama de todo o percurso.

Diante disto, compreendemos que a apropriação do conhecimento não é uma observação passiva, mas atividade perceptiva em que a substância é o próprio movimento da coisa observada ou a coisa em movimento. Nesse encontro intersubjetivo, há dimensões não diretamente relacionadas aos aspectos teóricos ou metodológicos, mas “circunscritas pela ordem do psíquico, do desejo, da vontade, que implicam afetos nem sempre “dizíveis” em nosso cotidiano acadêmico, mas que emergem durante a construção do conhecimento” (MARTINS, 2017, p. 496).

De acordo com Gilbert (2001), são as emoções (moldadas pela experiência de vida) que orientam nossas interpretações sobre o que experimentamos. Acontece



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

que, no percurso histórico da construção do fazer científico, muita ênfase foi dada aos perigos das emoções e à cautela necessária ao longo do processo de pesquisa. Essa "remoção" das emoções do processo de pesquisa, segundo a autora, não significa que as emoções não estão presentes nem garante que as emoções ocultas não afetam o processo de pesquisa.

Nesse sentido, esperamos que cada vez mais nós pesquisadores sejamos afetados pelo processo de pesquisa e façamos da escritura uma grande festa de saber e de sabor.

### Referências

Arduino, J., Barbier, R. & Just-Desprairies, F. (1998). Entrevista com Cornelius Castoriadis. In J. G. Barbosa (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação* (pp. 50-70). São Carlos: Editora da UFSCar.

Barthes, R. (1978). *Aula* (L.P.Moysés, Trad.). São Paulo: Editora Cultrix. (Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977).

Gilbert, K. R. (2001). Introduction: why are we interested in emotions? In K. R. Gilbert (Ed.), *The Emotional Nature of Qualitative Research. Innovations of Psychology* (pp. 3-17). Flórida: CRC Press.

Palmieri, M. W. A. R., & Martins, J. B. (2008, outubro/dezembro). Possibilidades e desafios da produção científica no campo da psicologia: algumas reflexões. *Psicologia em estudo* Maringá, v. 13, n. 4, 743-752. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722008000400012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400012).

Martins, J. B. (2017, janeiro) Análise institucional e a questão da implicação. *Psicologia em Revista* Belo Horizonte, v. 23, n. 1, 488-499. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/11442>.